

VI — CERIMÓNIAS DE INICIAÇÃO

a) CIRCUNCISÃO

Quando atinge a adolescência o indivíduo não entra na sociedade adulta sem primeiro passar alguns tormentos. Como entre muitos primitivos, a condição de homem é ganha pela submissão a torturas, em que os noviços têm de mostrar todo o seu estoicismo.

Em dia aprazado, rompe o tantan, «massona», chamando os futuros homens para a cerimónia da circuncisão, «calaua».

Todos os pais que têm filhos na idade própria vão apresentá-los ao encarregado da cerimónia, «amalé», e não voltam mais a por-lhes a vista em cima até ao termo da circuncisão. Entra-se assim num período de reclusão.

Num lugar retirado, em regra na floresta, constrói-se uma pequena povoação. Aqui só podem entrar os encarregados e o mestre, um «makolocana» também conhecido por «alupale adja massona». A comida trazida pelas mães é depositada fora do cercado em lugar próprio.

Tudo preparado, começa a cerimónia. De mistura com o «massoma» para abafar os gritos dos iniciados, «aruco», começa a circuncisão, onde corre sangue no meio da maior falta de higiene. O «makolocana» utiliza uma pequena faca de bordo cortante irregular, «mualo ua calaua». Tal pormenor não é indiferente. A irregularidade do gume nas facas provoca hemorragia menos intensa do que sendo muito cortante, como no bisturi. No primeiro caso os vasos e tecidos são rasgados e partidos ou desfeitos e a irregularidade do seccionamento produz uma coagulação mais rápida; no caso do bisturi o corte é perfeito, o seccionamento dos vasos absolutamente regular e desobstruído, facilitando a hemorragia.

Modernamente já aplicam às feridas permanganato, mas outrora eram curadas com cinzas.

Segue-se um período de cicatrização, no máximo de sete dias, durante o qual são ministrados todos os conhecimentos sobre vida sexual, já amplamente conhecida dos iniciados, e ainda regras da sua conduta social.

É neste momento que mudam de nome. O nome antigo é banido, considerado como inexistente, e invocá-lo ou interpelar um indivíduo por ele é uma ofensa grave. Tive conhecimento de dois casos de homicídio em Mogovolas resultantes da quebra deste preceito.

Antes de saírem, os circuncisados podem ausentar-se provisoriamente da povoação, devendo envergar para esse efeito uma cabaia de casca de árvore, «malaia», e colocar na cabeça uma carapuça ou máscara, «namami», que os torna irreconhecíveis. Nestes seus passeios preliminares que antecedem a saída final, não podem falar com pessoa alguma nem encontrar-se com mulheres. Quando percorrem os caminhos a sua passagem ou presença é assinalada fazendo vibrar

um rudimentar instrumento de corda, o «*mucarifo*», constituído por um arco retesado por uma corda e ao qual está aplicado uma cabaça como caixa de ressonância, sendo a vibração provocada pela percussão duma pequena vara que empunham com a outra mão.

As mulheres que ouvem a vibração do «*mucarifo*» fogem do caminho, deixando-o livre ao iniciado.

Antes de terminar o prazo final, o «*aruco*» vai à noite a casa da mãe, completamente mascarado, e, ali, comunica-lhe o nome pelo qual seu filho deverá de futuro ser chamado, acontecimento que é sempre motivo de grande alegria. Depois, o «*aruco*» regressa ao povoado donde sai só depois da ordem ditada novamente pelo tambor.

Há portanto três fases distintas assinaladas com o tambor e que tomam a designação de : «*oruma*» (chamar), «*oluma*» (morder ou cortar) e por fim «*ocuma*» (o êxito ou saída).

b) INICIAÇÃO FEMININA, «*Máli*».

Quando a rapariga sente aparecerem-lhe as primeiras regras foge para o mato, onde é procurada pela família. Outras vezes a própria dá conhecimento a pessoa da família do seu estado e na companhia desta (convém que seja mãe de filhos para que não provoque futura esterilidade) segue para lugar isolado, geralmente floresta, onde lhe é explicado o fenómeno e ministradas instruções pormenorizadas sobre todas as questões sexuais, deveres que deve ter com o marido, seguindo-se práticas de higiene e no final o banho. A rapariga volta para casa.

Em dia a combinar todas aquelas que estejam incluídas na condição da acima mencionada são convidadas para um batuque que se celebra ritualmente na floresta, mas que na maior parte das vezes se realiza numa palhota grande afastada da povoação, banindo-se a presença dos homens.

Ali, as menores dançam completamente nuas ao ritmo do tambor, «*maquiaquia*». As matronas, «*namuco*», e todas as velhas que assistem à cerimónia usam da linguagem mais depravada possível e imaginável. Esta cerimónia, entre os Macuas, não costuma durar mais do que um dia ou menos ainda, em regra só na parte da tarde.

Deve dizer-se que a sua concepção de virgindade é diferente da europeia. Virgem é toda a mulher que não tenha concebido, a terra fértil que ainda não produziu.

Terminada a «*maquiaquia*» está a mulher pronta para a vida sexual, para a procriação, enfim para toda a vida social e mundana.

VII — CASAMENTO E DIVÓRCIO

A ausência da compensação ante-nupcial entre os Macuas torna o casamento duma grande simplicidade. O homem conhece uma